

História

O texto que se segue foi fruto de uma indagação metodológica. Sou professora da Rede Pública de Ensino do Estado do Rio de Janeiro e perguntei, para os meus alunos de periferia, o que era mais importante no jogo da vida, ter dinheiro ou ser ligado a pessoas influentes. Para minha surpresa, os relatos que se seguiram tratavam da importância da personalidade das relações, ou seja, ser pessoa sobressaía em relação a ser indivíduo. Nas respostas dos meus adolescentes da Comunidade Getúlio Cabral, estava presente, de forma embrionária, o pensamento do Antropólogo Roberto Da Matta. Aos poucos fomos construindo uma metodologia própria e fui apresentando aos meus alunos os conceitos do renomado antropólogo acerca da sociedade brasileira.

O propósito foi perceber a atualidade dos conceitos do pensador² para entender o processo de ritualização da estrutura social

QUE TI TI TI É ESSE!!

Por: Patrícia Loyola Amaral Alvim¹

brasileira, colocando em foco ou *close up* três momentos distintos, porém interligados: o carnaval, a dita malandragem brasileira e o chamado autoritarismo “civil” brasileiro.

Para Matta, as festas são momentos extraordinários marcados pela alegria e por valores considerados positivos. A rotina da vida diária é percebida como negativa. Daí o cotidiano ser designado como uma rotina impiedosa, hierárquica e autoritária, o espaço do comportamento contido ou “cada coisa no seu lugar”.

No Carnaval opera-se uma transmutação, os famosos – ou *Very Important People* (VIPs) – passam a ser vistos como nobres e num desfile polissêmico ostentam um simbolismo de valores aristocráticos. Para nós, “os comuns mortais”, tanto as ilusões quanto os andrajos no carnaval representam um “desejo” escondido, fazendo uma síntese entre o fantasiado e os papéis que representa e os papéis que gostaria de representar. Daí,

¹ Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense, Professora das Faculdades Simonsen e Professora da Rede Pública de Ensino do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: patricialoyola@oi.com.br

² Matta, Roberto da. *Carnavais, Malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, Editora Guanabara, Rio de Janeiro. 1990

brincar carnaval traduz-se em suspender as fronteiras da compartimentalização social, ou “cada coisa no seu lugar”.

No caso do carnaval, aflora um conjunto de sentimentos, ações, valores e categorias que cotidianamente são inibidos por serem “problemáticos”. Segundo Roberto da Matta, trata-se de uma sociedade que pouco se organiza espontaneamente para reclamar, mas organiza-se espetacularmente para brincar, uma lógica nem um pouco simples.

Na festa do carnaval enfatiza-se uma dissolução do sistema de papéis e posições sociais; porém, no final do rito, mergulha-se novamente no mundo conhecido e cotidiano.

Para o autor, os ritos “fazem coisas”, “dizem coisas”, “revelam e escondem” onde a lógica das relações é acentuada num momento para ser inibida em outro.

O rito consegue colocar em *close up* as nuances do mundo social. Roberto da Matta percebe a sociedade brasileira com um organismo vivo, com pactos sociais e relações entre indivíduos e coletividades nas suas lutas, formas, forças e pressões.

O método

O antropólogo analisa e investiga as elaborações de dramas sociais. A sociedade constrói os seus atores e “inventa” a peça, o

enredo, o cenário e o palco. Os “investigadores” estudam conjuntamente os papéis sociais e os atores. Repetindo Clifford Geertz³, é uma história que eles contam a eles próprios, sobre eles mesmos.

O caso em si

No livro “Carnavais, Malandros e Heróis”, o autor coloca sob a lente do microscópio o mito de Pedro Malasartes⁴ e passa a desmembrá-lo pedagogicamente.

“As aventuras de Pedro Malasartes” é uma narrativa popular, uma espécie de drama social brasileiro contra a injustiça. A peculiaridade deste “herói brasileiro” é que ele encarna a face do herói e do malandro ao mesmo tempo. Segue a mesma curvatura da sociedade que engendra a dramatização.

No mundo da Malandragem o que conta é a voz, o sentimento e a capacidade de improvisar. Na sociedade chamamos isso de coração. No universo da malandragem é o coração que inventa as regras.

O oposto do malandro é o caxias. Ele reforça a ordem social e deseja mantê-la como ela é. O malandro é desprovido deste desejo. O malandro promete uma vida de “sombra e água fresca”, onde a realidade interior é mais importante que o mundo “de fora”.

³ Geertz, Clifford. Interpretação das culturas, LTC, Rio de Janeiro, 2008

⁴ Cascudo, Câmara: Contos Tradicionais do Brasil, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1967

No movimento pendular social, o caxias pode vir a ser um otário. O homem comum, crédulo, sempre pronto a obedecer e a vítima por excelência dos malandros. O movimento pendular social do malandro é abraçar a bandidagem em um caminho sem volta, perdendo o equilíbrio entre a ordem e a desordem.

O mito de Malasartes é o mito do trabalhador brasileiro. A saga daquele que tem que estar sempre buscando algo que não possui. E, para tanto, tem que caminhar para a dura realidade, deixando cotidianamente para trás suas famílias e lares.

Quem é pobre precisa ganhar a vida. Os pobres têm necessariamente que se associar aos ricos e aceitar os seus “contratos” e buscar um meio de viver. O resultado é a exploração impiedosa do empregado.

Pedro Malasartes

Um casal de velhos tinha dois filhos homens, João e Pedro. Como eram pobres, os filhos tinham que sair de casa para ganhar a vida. Pedro é definido como astucioso e vadio, ou seja, malandro. O seu irmão mais velho, João, é visto como caxias. João emprega-se em uma fazenda, o proprietário da fazenda é definido como velhaco, pois fazia contratos de trabalho impossíveis de serem cumpridos e assim não pagava um salário aos seus trabalhadores.

O contrato

Os contratos eram definidos nos seguintes termos:

I- O empregado não podia enjeitar serviço;

II- O empregado não podia ficar zangado;

III- Caso tais condições ocorressem, um deles (patrão ou empregado) perderia uma tira de couro do pescoço até o fim das costas.

Após um ano de trabalho, João, o caxias, volta para casa sem dinheiro e sem o couro das costas. Pedro toma para si o direito de acertar as contas com o fazendeiro, dando início às suas aventuras.

Pedro apresenta-se na fazenda. O patrão manda que Pedro vá trabalhar numa plantação de milho e envia uma cachorrinha para acompanhá-lo. O trato é que Pedro só pode voltar para casa quando a cachorra assim o fizer. Depois de meio dia de trabalho, como a cachorra nem se mexe, Malasartes dá uma paulada na cachorrinha, que corre assustada para casa. Assim sendo, Pedro pode voltar. Mais tarde, é só fazer o gesto que a cachorrinha volta para casa. Pedro derrota o fazendeiro, pois este fica zangado, mas pelo contrato não pode demonstrar.

No dia seguinte, o patrão pede que Pedro limpe a roça de mandioca. Pedro segue ao pé da letra e arranca tudo inclusive a plantação. Pedro, de modo sarcástico, pergunta

se o patrão está satisfeito e por causa do contrato o patrão afirma que sim.

No terceiro dia, o patrão pede a Malasartes que traga um carro de boi cheio de “pau sem nós”. Malasartes então derruba todo o bananal, explicando que bananeira é pau sem nó. O patrão perde novamente.

No quarto dia, o patrão pede que Pedro coloque um carro de bois, com bois e tudo, dentro de uma casinha, sem passar pela porta. A solução de Pedro Malasartes é cortar tudo em pequeninos pedaços e jogar tudo pela janela. Mais uma vez, o patrão é derrotado.

No quinto dia, Pedro Malasartes foi vender os porcos do patrão. Vendeu toda a vara e ficou com o dinheiro. Depois cortou os rabos dos animais, e os enterrou num terreno cheio de lama. Chamou o patrão e disse que os porcos se perderam na lama. Por sugestão do próprio Pedro, o patrão pediu que Malasartes pegasse duas pás para desenterrar os porcos. Pedro correu para a mulher do fazendeiro e pediu que lhe entregasse dois contos de réis. A mulher, desconfiada, não queria, porém Pedro perguntou à distância e, por meio de gestos, o marido mostrou dois dedos, assim Pedro conseguiu mais dinheiro. Quando voltou ao terreno, Pedro resolveu puxar com as próprias mãos os porcos e disse que a força cortava o rabo dos porcos. Mais uma vez, Pedro ganhou.

O fazendeiro, percebendo a malandragem de Pedro, resolveu matá-lo. Inventou que um ladrão rondava o curral e que

ambos deviam prendê-lo. O fazendeiro propôs turnos de vigia e Pedro iria substituí-lo no cantar do galo. A ideia era atirar em Malasartes. Este, por sua vez, foi acordar a mulher do patrão perto da hora do galo, dizendo que o fazendeiro precisava dela com urgência. Ela apareceu e foi morta por seu marido. Assombrado pela malandragem do empregado e com medo do assassinato que cometera, o fazendeiro pagou muito dinheiro a Pedro para não haver envolvimento da justiça no negócio. Pedro voltou rico para a casa de seus pais.

O nosso “herói-malandro” realiza sua parte integral no contrato, obedecendo até as últimas consequências as ordens do seu patrão. Realiza-se o paradoxo social pois, para explorar, o fazendeiro criou um contrato impessoal com seus empregados. Para acertar as contas com o patrão, Pedro segue o mesmo contrato ao pé da letra. Pedro dá uma lição de sabedoria social, virando para si a vantagem no jogo do poder entre fracos e fortes. Segundo Roberto da Matta, os bons malandros sabem utilizar o poder dos fracos na hora certa. Pedro seria o responsável por um tênue, frágil, complexo e por vezes inquietante equilíbrio social. Pedro não é um agente revolucionário ou transformador da sociedade. Ele é apenas um ser que pode dar o troco à altura, ou seja, ele pretende a destruição do fazendeiro pelos mesmos instrumentos legais de exploração criados pelo fazendeiro.

Conclusão

Para Roberto da Matta, na sociedade brasileira existe uma dicotomia entre indivíduo (anônimo) e pessoa. A alguém que é pessoa aplica-se uma curvatura especial da lei.

No Brasil, são inúmeras as expressões que denotam o desprezo pelo indivíduo, usado como sinônimo de alguém desgarrado socialmente. Exemplarmente: “aquele indivíduo sem caráter.”, ou “o indivíduo assassinou sem piedade”. Fica claro que “aquele ser” não foi capaz de ligar-se na sociedade.

Neste país, o povo é uma entidade, pois é sempre generoso, idealizado e por isso plenamente manipulável. Numa palavra, o superior (chefe, patrão, político) sempre “sabe o que é bom para o povo”. O povo “é a voz de Deus”, mas o superior indica e lidera o caminho a ser trilhado.

Percebendo a sociedade como um organismo vivo, executamos uma coreografia sedutora, onde uns favorecem aos outros aquilo de que eles não dispõem. Pessoalizamos as relações entre patrões e clientes, fortes e fracos, ricos e pobres. Aos mal nascidos, a lei, aos amigos tudo!

Receber a letra fria da lei é tornar-se imediatamente indivíduo. Ser alguém no Brasil é ser daqueles que usam da simpatia, do charme, das amizades, do jogo político para serem bem sucedidos. As noções de indivíduo e pessoa são importantes para a sociedade

brasileira, pois estamos a meio caminho entre a hierarquia e a igualdade. Trata-se do código das moralidades pessoais com nuances do individualismo.

O ritual de autoritarismo “civil” conhecido como “Você sabe com quem está falando?” é a negação da malandragem e do próprio jeitinho brasileiro. Seu uso se dá quando, por algum motivo, perdemos a noção de lugar ou de como “navegar” socialmente. O ritual é um recurso de diferenciação social. É um rompimento drástico da pessoalidade das relações. É demarcar pela violência linguística um território “sagrado” que não pode ser profanado. É a manutenção da dita ordem.

O pensamento de Roberto da Matta nos faz refletir sobre uma sociedade que nos fascina, que apesar de ainda se mostrar autoritária, excludente e violenta, é possuidora de uma sabedoria única e de uma sedução que nos atija a seguir em frente. Sociedade que acredita em que com fé, samba e educação se vai longe. Parafrazeando o samba da Estácio de Sá de 2007 e sentindo no ar a esperança que se deixa espalhar no continente e na boca do pessoal, crê que a boa nova chegou...

Os adolescentes da comunidade Getúlio Cabral que se perceberam como protagonistas de histórias de conflitos, abandono e solidão, também são os mesmos que renovaram em si um espírito de curiosidade sobre a vida, pois perceberam nas suas palavras simples um grande ponto de

contato com os conceitos discutidos nas faculdades e nos livros de “doutores”.

Referências

MATTA, Roberto da. *Carnavais, Malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, Editora Guanabara, Rio de Janeiro. 1990

GEERTZ, Clifford. *Interpretação das culturas*, LTC, Rio de Janeiro, 2008.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. *O que é Etnocentrismo*, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1990.

Como citar: ALVIM, Patrícia Loyola Amaral. *Que ti ti ti é esse!!*. In: *Revista Digital Simonsen*. Rio de Janeiro, n.2, Mai. 2015. Disponível em: <www.simonsen.br/revistasimonsen>